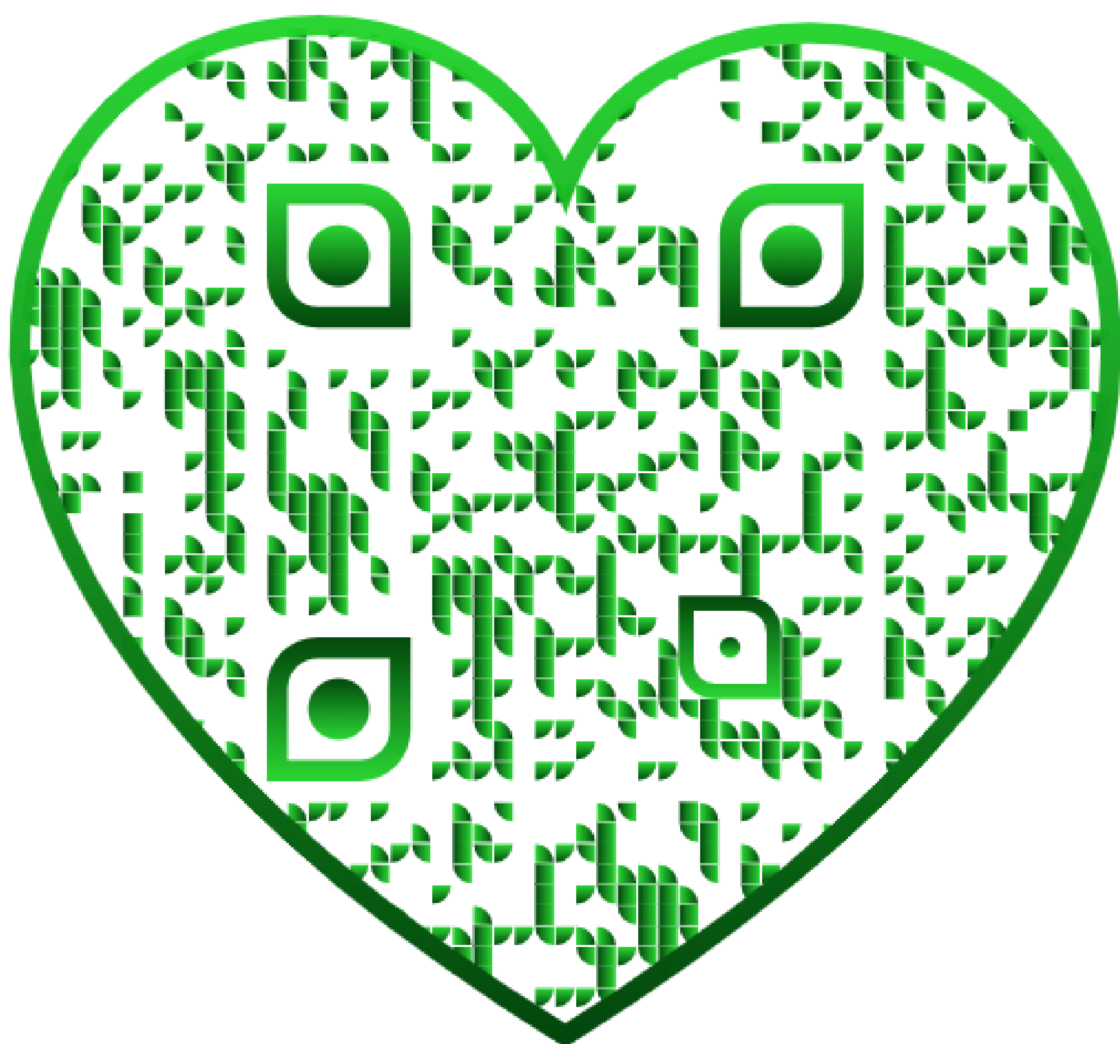
# Hypnos
## H.P. Lovecraft

*“A propósito do sono, sinistra aventura de nossas noites, podemos dizer que os homens vão dormir revestidos de uma audácia que seria incompreensível, se não soubéssemos que ela é o resultado da ignorância do perigo”.*

*Baudelaire*
*(Citação feita por Lovecraft)*

Se existem deuses clementes, que eles me protejam durante essas horas em que nada no mundo pode me proteger dos abismos aterrorizantes do sono! A morte é suave, pois que sem retorno, mas aquele que emerge das câmaras profundas da noite, atemorizado pelo que sabe, não encontrará jamais o descanso. Fiquei transtornado quando mergulhei nos mistérios que o homem não foi feito para alcançar. Quanta excitação sem freios! Quantos apetites sem controle! No que diz respeito a meu amigo, aquele que me conduziu, que foi mais longe do que eu, e que foi levado embora por forças das quais até hoje eu temo o apelo. Quanto a meu único amigo — era um louco, era um deus?

Lembro-me de que nós nos conhecemos em uma estação. Um grupo de passantes curiosos estava à sua volta. Achava-se caído ao chão, inconsciente. Uma convulsão tornara estranhamente rígido aquele corpo magro vestido de negro. Devia ter 40 anos. Seu rosto descarnado era sulcado por muitas rugas, porém possuía um oval puro e uma conformação nobre. Sua cabeleira espessa e sua barba curta apresentavam-se grisalhas. Sua



fronte era alta e alva como o mármore de Pentelicus. Sou escultor e para mim aquele homem desmaiado era um fauno da Hélade, saído das ruínas de um templo, ressuscitado e atirado em nosso mundo opressivo para sofrer, entre nós, o frio e peso do tempo. Quando ele abriu seus olhos, imensos e negros, senti que havia finalmente encontrado um amigo. Pois tais olhos haviam, sem dúvida alguma, contemplado coisas repletas de grandeza e de espanto, coisas do Além, as mesmas que desejava em sonho e procurava em vão. Afastei os curiosos, disse àquele homem, sem preâmbulos ou hesitações, que ele era meu mestre, meu guia, meu irmão, e ele concordou entrecerrando os olhos. Fomos embora os dois, mudos. Um pouco mais tarde ele começou a falar, e a música de sua voz evocava violinos antigos e esferas de cristal. Conversávamos noite e dia enquanto que eu esculpia seu busto ou gravava seu rosto no marfim.

Não me é quase possível precisar a natureza de nossas pesquisas. Somente posso dizer que se tratava de apreender o fio de um outro universo, situado além da matéria, do tempo e do espaço. Era somente no sono que suspeitávamos a existência desse fio, ou antes em alguns sonhos excepcionais, sonhos de sonhos, ultra-sonhos que permanecem ignorados da maior parte dos homens e surgem somente uma ou duas vezes ao longo de uma vida consagrada ao espírito. Os sábios interpretaram os sonhos, e os deuses zombaram. Um homem com olhos de oriental disse que todo tempo e todo espaço são relativos, e os homens não compreenderam. Mas esse mesmo sábio percebeu apenas de relance coisas estranhas e formidáveis. Meu amigo e eu tentamos ir mais adiante.

Com a ajuda de drogas exóticas, partimos à procura de visões terríveis e proibidas. Tudo isso se passava em nosso estúdio, na torre de uma mansão do condado de Kent.

A impossibilidade de me exprimir é a pior das agonias que eu agora atravesso. Nenhuma língua possui os símbolos necessários para relatar o que eu senti e aprendi durante aquelas horas de ímpia exploração. Do começo até o fim, nossas descobertas foram da ordem das sensações, mas sensações fora da escala humana normal. No fundo de tudo isso havia elementos incríveis de tempo e do espaço, coisas sem existência separada ou definida. Como me exprimir? Mergulho lento, uma queda prolongada de um vôo planado? Uma certa parte de nosso espírito rompia com tudo que é real e presente, seguia para abismos tenebrosos, boiava em uma substância desconcertante, decifrando algumas vezes certos obstáculos, exprimíveis apenas como espécies de nuvens amorfas ou vapores viscosos. Nesses vôos negros e incorpóreos algumas vezes nos separávamos, outras vezes nos juntávamos. Porém mesmo estando juntos, meu amigo sempre estava muito adiante de mim. Adivinhava sua presença, apesar da ausência da forma, por uma espécie de memória figurada, através da qual seu rosto aparecia envolto em uma luz dourada, incrivelmente jovem, com a fronte olímpica e os olhos fulgurantes.

Nós não tomávamos notas e não datávamos nossas experiências, pois o tempo tornara-se para nós simples ilusão. Provavelmente fenômenos estranhos aconteceram, pois eu lembro que chegamos a nos perguntar por que não envelhecíamos mais. Nossas

conversações eram cheias de ambições que se assemelhavam a blasfêmias. Um dia meu amigo escreveu um desejo que ele não ousava proferir. Após queimar o papel, olhei através da janela, com temor para o céu noturno repleto de estrelas. Ele queria dominar o universo visível e muito além. Um dia a terra e as estrelas se deslocariam sob seu comando, um dia ele controlaria o destino de todas coisas vivas. Afirmo e juro! Jamais compartilhei essas aspirações extremas, e se meu amigo disse ou escreveu o contrário, ele se enganou.

Chegou um dia em que forças, seres vindos de espaços desconhecidos fizeram-no rodopiar em um vazio sem limites, além do pensamento, além de todas as entidades. Desta vez passamos rapidamente através de obstáculos viscosos, e logo senti que éramos conduzidos para domínios infinitamente longínquos. Meu amigo estava muito adiante de mim nesse estranho mergulho no indizível, no obscuro e no virgem. Eu percebia uma exaltação sinistra na imagem-lembrança de seu semblante tão jovem e luminoso. De repente esta imagem apagou-se, eu perdi o contato e fui projetado contra um obstáculo intransponível — uma nuvem amorfa como as demais, porém mais densa, uma espécie de massa adesiva, se assim posso exprimir, naquele domínio estranho à matéria.

A luta me despertou e abri os olhos que se pousaram nas paredes de nosso estúdio. Em um canto estava estendido meu amigo sonhador, altivo e belo sob a luz verde e dourada que vinha da lua. Ele moveu-se. Queiram os céus poupar-me de ouvir uma segunda vez o que então eu ouvi! Ele gritou, gritou, e seus olhos negros, que o medo enlouquecia, banhavam-se no inferno.

Desmaiei, e foi ele quem, mais tarde, me ajudou a recobrar a consciência, quando teve necessidade de alguém que o ajudasse a afastar de sua alma o horror e a desolação.

Foi o fim de nossas pesquisas voluntárias nas cavernas do sonho. Exausto, tremendo e grave, meu amigo, que atravessara a barreira, disse-me que não deveríamos nunca mais tentar penetrar no Além. Ele não ousava descrever o que tinha visto. De agora em diante, disse-me ainda, deveríamos dormir o menos possível, permanecer acordados, custasse o que custasse. Ele sem dúvida tinha razão, pois, com efeito, uma espécie de pânico apoderava-se de mim, desde que o sono chegava, a partir do momento em que minha consciência se afrouxara. Mas como seria possível deixar de dormir? Após cada sono breve e inevitável, eu me sentia envelhecido e meu amigo muito mais. Em seu rosto, que eu tanto admirara, as rugas se multiplicaram a cada minuto que passava. Era terrível, horrendo. Mudamos de vida. Até o momento, meu amigo, que não me contara jamais nem seu nome nem suas origens, tinha vivido como recluso, e de repente não podia mais ficar sozinho, ainda que fosse na minha simples companhia. Era necessário ter à sua volta um grupo de pessoas numeroso e feliz. Pusemo-nos a freqüentar os lugares onde a juventude se reunia e lá nossa aparência e nossa idade provocavam sarcasmos. A partir do momento em que as estrelas começavam a brilhar, o medo se apoderava dele e ele lançava olhares inquietos em direção ao céu. Nem sempre fixava o mesmo ponto. No inverno era em direção ao nordeste. No verão, quase acima de nossas cabeças. No outono, voltava-se para noroeste. E no nascer

do dia era sempre para o leste. Ao cabo de dois anos, pude compreender que aquele ponto mutável, de onde lhe vinha tanta angústia, correspondia à constelação Corona Borealis.

Agora tínhamos um estúdio em Londres. Não nos separávamos nunca, e nunca mais evocávamos as coisas antigas. Os excitantes que consumíamos para nos manter despertos, uma certa dissolução, a tensão nervosa, tudo isso nos havia consumido. Meu amigo tinha mais cabelos e sua barba encanecera. Quase havíamos vencido o sono — uma hora, duas horas no máximo, cada dia. Chegou o mês de janeiro trazendo brumas e uma chuva gelada. Nós não tínhamos mais dinheiro para comprar excitantes, eu não esculpia mais e nós sofríamos muito. Certa noite, meu amigo, esgotado, mergulhou em um sono profundo do qual eu não consegui tirá-lo.

Lembro-me de tudo — nosso triste sótão mergulhado na escuridão, os telhados lavados pela chuva, o tique-tique do pequeno relógio de parede, os rangidos da persiana e, ao longe, o rumor da cidade abafado pela neblina; acima de tudo, aquela respiração que parecia ritmar os esforços, as angústias de um espírito em viagem, em direção a esferas proibidas, terrivelmente longínquas. Um relógio bateu as horas em algum lugar; eu estava tenso, perturbado, e meus devaneios, repletos de vagos temores, regressavam incessantemente a seu centro — o tempo, o espaço, o infinito. Muito além dos tetos, da neblina e da chuva, nos obscuros desertos do cosmo, Corona Borealis surgia à noroeste, aquela mesma Corona Borealis que meu amigo parecera temer tanto e cujo semicírculo de estrelas devia cintilar, invisível a nossos olhos, através de abismos

intransponíveis.

Subitamente minhas orelhas febris forma atingidas por outro som, por um ronronar baixo e insistente, o eco de um clamor monótono e zombeteiro, um apelo que emanava de outros mundos, de muito longe, do nordeste. Mas não foi aquele rumor sideral que marcou para sempre minha alma, imprimindo nela um terror insondável, e me fez soltar tais gritos que os vizinhos e a polícia acorreram para arrombar a porta. Não foi aquilo que eu ouvi, e sim o que vi. Pois naquele quarto escuro um facho de luz dourada e vermelha, uma luz fria, atravessou as trevas sem dispersa-las, nasceu no ângulo nordeste e veio posar-se sobre a cabeça daquele que dormia, sobre aquele rosto que então me apareceu idêntico ao da imagem-lembrança de nossa última viagem através do espaço-abismo e do tempo dissociado, imortalmente jovem e sorridente, tomado por uma alegria áspera e maldita, enquanto se abriam as barreiras do insondável.

Aquele que dormia despertou, os olhos negros e líquidos se contorceram, os lábios muito finos abafaram um grito por demais assustador, e naquele silêncio de agonia, segui até suas origens o raio de luz proibida. Nesse momento sobreveio-me um ataque de epilepsia que atraiu os vizinhos e a polícia. Não posso dizer o que vi. Não posso. E o adormecido que também viu tudo aquilo, e ainda muito mais, nunca mais falará. Mas agora eu me protegerei tanto quanto puder dos Mestres do Sono, do céu noturno, das loucas ambições do conhecimento e da filosofia.

Não sei exatamente o que se passou. Meu espírito desequilibrou-se. Mas o dos outros também, creio. Dizem

que jamais tive amigo. Dizem que sempre fui só, inteira e tragicamente ocupado com a arte, a metafísica e a demência. Não tiveram uma palavra de piedade para com meu amigo, paralisado para sempre, imobilizado para sempre em seu canto. Mas o que eles encontraram no divã deixou-os maravilhados, ao que parece.

Puseram-se a entoar louvores em meu favor, deram-me uma glória que não compreendo, uma reputação que pouco me importa no fundo de meu desespero, enquanto permaneço sentado horas e horas, dias e dias, calvo, a barba grisalha, encolhido, paralisado, alquebrado, e adorando o objeto que encontraram. Eles também olham estáticos esta coisa fria que o facho de luz zumbidora me deixou. É tudo o que resta de meu amigo. Trata-se de uma cabeça de mármore maravilhosa, olímpica, de uma juventude e de uma perfeição fora do tempo, e coroada de papoulas. Dizem que este rosto é o mesmo que eu tinha aos 25 anos. Mas no pedestal um único nome acha-se gravado em letras de traços áticos — *Hypnos.*